

NOVAS LINGUAGENS E SOCIABILIDADES: COMO UMA JUVENTUDE VÊ NOVAS TECNOLOGIAS

Carlos Ângelo de Meneses Sousa

Cátedra UNESCO de Juventude, Educação e Sociedade
Universidade Católica de Brasília
cangelo@ucb.br

Resumo

O trabalho apresenta as visões de jovens universitários sobre as novas tecnologias, especialmente a Internet, e sua relação com o desenvolvimento de uma sociedade democrática. Os dados da pesquisa foram coletados a partir de postagens em um fórum virtual, com a participação de 38 jovens do curso de Ciência da Informação, na modalidade de ensino presencial, de uma instituição de educação superior privada do Distrito Federal do Brasil, no ano de 2008. A leitura das postagens nos permitiu constatar que para esses jovens as novas tecnologias, especialmente a Internet, são uma realidade irreversível na vida contemporânea, não obstante apresentarem aspectos contraditórios para a construção de relações sociais justas e igualitárias em vista da democracia. Os dados mostram um posicionamento que vê na sociabilidade virtual e suas linguagens formas de interações passageiras, frágeis e descartáveis e novas formas de exclusão e preconceitos, em suma, geralmente negativas; por outro lado, os dados patenteiam uma visão otimista, de possibilidade de personalização, ampliação dos contatos com o Outro, e o destaque à sua dimensão utilitária, prática, ágil e de acesso direto. Tais visões têm notórias implicações na vida social juvenil contemporânea, com a criação de novas linguagens, sociabilidades e interesses, explicitando o fato de que, historicamente, o conhecimento e a tecnologia têm sido um trampolim para o acesso ao poder e ao seu exercício, democrático ou não.

Palavras-chave: Juventude; Tecnologia; Sociabilidade; Educação.

Abstract:

New languages and sociabilities: how youth perceive new technologies. This



paper aims to analyze perspectives on new technologies and its relationship with the development of a democratic society posted in a virtual forum. The population was composed by 38 undergraduate students in Computer Sciences, enrolled in a private higher education institution, located in Brazil's capital city. The results of messages' analysis show that these technologies are regarded as an irreversible part of reality, in particular the Web. They recognized their contradictory contributions to the construction of equalitarian and fair social relations, aiming democracy. The data reveal both positive and negative perceptions of the new technologies' roles. On the one hand, virtual sociability and their inherent languages multiply fragile and temporary social interactions. Furthermore, they are vehicles for new prejudices and additional forms of social exclusion. On the other hand, the results show the perceptions of new alternatives for becoming a person, in social networks, as well as the importance of easy and direct access to persons and groups. The points of view expressed by students have significant implications for juvenile social life and political participation. As it is well recognized, knowledge and technologies have been valuable means for accessing and exercising political power, either democratic or authoritarian.

Keywords: Youth; Technology; Sociability; Higher Education.

Introdução

A realidade contemporânea, mais do que em qualquer outro período da história da humanidade, está impregnada de tecnologias, mormente das novas tecnologias, que cada vez mais se fazem presentes, de uma forma direta ou indireta, no cotidiano das pessoas. Neste fato, talvez resida o consenso em relação às principais características das sociedades contemporâneas. Nestas, a presença da tecnologia na organização das práticas sociais, das mais complexas às mais elementares, se faz uma constante.

Mas o que é tecnologia? Quais são as “novas tecnologias” a que nos referimos? Entendemos tecnologia como uma objetivação das relações sociais que comanda e fecunda qualquer sociedade, não sendo esta autônoma e apartada daqueles que a geram, isto é, do próprio homem, da sociedade. A tecnologia é uma invenção humana. Na contemporaneidade a junção entre a mídia e a microinformática, aliada ao crescimento das redes comunicacionais, transformaram não só a

cotidianidade, mas também a percepção do próprio homem em relação ao mundo, a si mesmo e ao Outro.

Indubitavelmente, entre as várias novas tecnologias, sobressai aquela que é sua maior expressão, a Internet, por amalgamar diversas facetas tecnológicas até então separadas, como a escrita, a imagem, o som etc.. Ela é hodiernamente o mais completo meio de comunicação criado pela tecnologia, tem reconfigurado as culturas e suscitado novas estruturas de sociabilidade contemporânea.

Ao apresentar pesquisa sobre a “sociedade em rede”, Manuel Castells (2003: 257) discorre sobre os conflitos e visões negativas que se teve nos primeiros momentos de difusão exponencial da Internet, isto é, no período de 1995 a 1997. Ele menciona que participou de uma comissão de especialistas nomeada pela Comunidade Europeia, cuja incumbência era “ver como se poderiam atenuar os efeitos devastadores que a Internet poderia produzir na sociedade, na política e na cultura”. Nesse período havia uma “mitologia de destruição” que cercava a rede mundial de computadores e, segundo ele, a sociabilidade via Internet era “o tema mais carregado ideologicamente” (Castells, 2003: 272).

Passada mais de uma década, cabe indagar se atualmente essas questões ainda são vistas como outrora. De lá para cá temos assistido, cada vez mais, ao avanço e à multiplicidade de formas das novas tecnologias, notoriamente as de telecomunicação interativa como as modalidades de telefonia e, como já dito, a Internet, com suas diversificadas possibilidades de expressões. Neste último exemplo, temos uma diversificação de meios de interação como os correios eletrônicos, o Messenger, os *blogs* e outros, que têm sido crescentemente utilizados, especialmente pelos jovens.

Como ponto de partida deste artigo, para diálogo com algumas pesquisas recentes sobre a relação entre as novas tecnologias e a juventude, em uma perspectiva qualitativa, partiremos da análise de postagens, de um fórum virtual no Moodle. Estas foram feitas por 38 estudantes universitários da área de Ciência da Informação, na modalidade de ensino presencial, de uma instituição de educação superior privada do Distrito do Brasil, em 2008. A maioria era do sexo masculino (80%), situada na faixa etária entre 18 a 28 anos. O relato das postagens se deu em um fórum virtual da disciplina de sociologia do trabalho e das organizações, que tinha como objetivo propiciar um espaço para a visão desses jovens universitários sobre as novas tecnologias, especialmente a Internet, e sua relação com o desenvolvimento de



uma sociedade democrática.

Cabe aqui destacar alguns motivos para a escolha das visões desse grupo juvenil universitário, como ponto de partida de análise deste artigo. Trata-se de um grupo significativo, em termos qualitativos, tanto por ter nas novas tecnologias o seu próprio objeto de estudo, possuindo assim um contato teórico e prático, quanto por, em alguns casos, vivenciar profissionalmente a relação com elas.

“Alguém Aí Consegue Passar com o Celular Desligado? Opa! Tenho Que Atualizar Meus Equipamentos Eletrônicos!” Ou Da Crítica e Resignação

Ao selecionarmos algumas postagens, tendo em vista sua pertinência em relação ao objetivo do fórum virtual, isto é, observar a visão dos jovens universitários sobre as novas tecnologias, especialmente a Internet, e sua relação com o desenvolvimento de uma sociedade democrática, nos deparamos com um grupo de postagens que podem ser classificadas a partir da crítica a essa relação, tanto quanto às próprias tecnologias quanto às formas sociais do seu uso, não obstante o reconhecimento de suas benesses sociais e novas socializações.

Vejamos algumas dessas postagens¹:

Postagem 1

[...] Complementando as afirmações feitas pelos colegas: se, por um lado, a tecnologia nos propicia avanços, no sentido de melhorar nossa qualidade de vida (quantas doenças foram erradicadas ou estão próximas do zero? - vide o exemplo da paralisia infantil), por outro lado, temos um lado perverso: toda e qualquer melhoria tecnológica visa lucro e é resultado, muitas vezes, de experiências que fogem da ética.

Postagem 2

[...] A internet hoje é considerada uma das revoluções no que tange à forma com que interagimos com outros e com a não-linearidade das informações nela contida. Segundo opiniões de alguns, isso representaria uma forma "democrática" de se compartilhar informações, que ultrapassariam barreiras territoriais e físicas. De fato, nunca tivemos acesso às informações de uma

¹ As transcrições das postagens serão feitas literalmente como foram elaboradas. Salvo grave problema para a compreensão da escrita, faremos alterações devidamente explicitadas.

forma tão rápida e fácil: basta um clique. Informações essas, que outrora se restringiam a acervos de algumas bibliotecas, ou mesmo em livros muitas vezes com preços proibitivos, estão disponíveis em formato eletrônico a quem quiser acessar. Algumas revoluções no modo de trabalho e de estudo também estão acontecendo graças ao surgimento da Internet: muitas empresas já utilizam o teletrabalho como uma forma de produção; a teleconferência já é uma ferramenta muito comum em reuniões e conferências; as compras pela internet cada vez mais se tornam rotina em nossas vidas; e mesmo o estudo de matérias virtuais, não necessitando da presença constante do tutor. Porém, mais uma vez prevalece a máxima "democracia só existe para quem consome, quem produz algo para a sociedade". Quem não tem acesso à Internet, os não incluídos digitalmente, fica relegado ao ostracismo do novo mundo cibernético-cultural.

Postagem 3

[...] As novas tecnologias vieram com a intenção de agilizar e melhorar a qualidade na produtividade das tarefas no mercado de trabalho. Quanto maior for à produção e com maior qualidade, maior será o lucro das empresas. Um dos grandes problemas que existe no avanço das tecnologias é que uma grande parcela da sociedade não consegue acompanhar esse crescimento tecnológico.

Postagem 4

[...] Na Sociedade sempre que surge uma nova Tecnologia, os mais afortunados, ao adquirirem-na no período de lançamento conquistam também o STATUS da primazia da posse. Recordando quando do aparecimento da telefonia celular, todos acorriam à operadora para compra dos "rústicos" aparelhos que lhes atribuíam STATUS DE PODER. Atualmente todos têm acesso a esses aparelhinhos, uns como instrumento de trabalho, outros por entretenimento, sem perceberem que estão se auto introduzindo em uma "Tecnocracia", onde todos seremos participantes e dependentes da mesma. Bem vinda tecnologia para nosso deleite. Alguém aí consegue passar com o celular desligado? Opa! Tenho que atualizar meus equipamentos eletrônicos!



Postagem 5

[...] Estamos criando o “mito” de que a tecnologia só vem a nos ajudar, porem ela pode prejudicar e muito a questão da saúde, pois passamos mais tempo em frente ao computador do que praticando um exercício físico como, por exemplo, pagando uma conta em um banco, onde para que o mesmo pudesse ser feito teríamos que nos deslocar fisicamente e com a tecnologia isso não mais acontece! Isso poderá implicar até mesmo na falta de socialização das pessoas, pois as mesmas iriam ficar tão concentradas em seu mundo virtual aonde resolvem tudo pelo computador e internet que não veriam razão nenhuma de se socializar umas com as outras.

Postagem 6

[...] Com o advento da internet somada ao crescimento da tecnologia, o indivíduo cria uma nova cultura. Essa cultura é totalmente voltada para o mundo virtual, onde ele deixa de interagir com pessoas do meio para interagir com a máquina, atualmente as grandes vantagens da tecnologia são: A possibilidade de se comunicar com várias pessoas em lugares distintos; Efetuar movimentações financeiras pelo computador ou pelo celular entre outros. A cada dia que se passa podemos dizer que pouco conhecemos nossos vizinhos e colegas de trabalho, pois a socialização é toda feita através de um computador, o lazer hoje é praticamente deixado de lado e o trabalho ganha ainda mais espaço em nossos lares, um bom exemplo disso esta citado no texto 2: “A nossa rotina é hoje diferente. Antes você só trabalhava quando estava no escritório. Agora você trabalha onde quer que as pessoas possam encontrá-lo”. A pergunta é será que conseguiríamos sobreviver no mundo atual globalizado, sem utilizar as tecnologias disponíveis ? [...]

Postagem 7

[...] essa evolução assustadora da tecnologia, nos fazem perder algumas características essenciais no trabalho e profissionalismo e até mesmo na educação, ninguém ver criança nenhuma tomando tabuada, por exemplo, todos usam a calculadora, nenhum aluno lê livros pra uma pesquisa, ele utiliza o famoso “www.google.com”, porque pra ele é mais fácil e rápido, um CTRL C e CTRL V, resolve todos os seus problemas, sobrando mais tempo para se divertir. E até o divertir mudou... o jogar bola agora são com jogadores virtuais.

[...]

Postagem 8

[...] Ao passo que a tecnologia abriu um novo leque de oportunidades, ela engoliu milhares de outras funções exercidas anteriormente, entrando em contradição com o que chamamos de “democracia”, pois hoje somente quem é bem preparado e capacitado para acompanhar a evolução tecnológica tem seu espaço garantido na economia moderna. Como dito por mim anteriormente viramos reféns da mesma, e à medida que a mesma evolui maior será o sonho de um dia exercer a democracia.

Postagem 9

[...] Bom, acho que toda inovação tecnológica surge apenas para os mais ricos. O pobre só o adquire mediante ao financiamento em várias vezes com juros altíssimos. Acho que isso seria democracia, os novos lançamentos tecnológicos acessíveis a qualquer classe. Um exemplo clássico é a TV Digital, que tanto foi divulgado, mais ainda não está acessível ao pobre. Mas a tecnologia é o mal necessário [...]

Postagem 10

[...] As crianças não interpretam mais, utilizam da tecnologia que possui em seus hds e servidores poderosos da internet cheios de pensamentos fruto do trabalho árduo de estudiosos de séculos passados e que hoje se debatem em suas tumbas vendo suas obras sequer sendo lidas, e muito menos interpretadas e tão poucas re avaliadas, são apenas copiadas com um simples Ctrl+C e um Ctrl+V e tomadas como uma verdade incondicional.

A leitura das postagens nos permitiu constatar que, para esses jovens, as novas tecnologias, especialmente a Internet, são uma realidade irretornável na vida contemporânea, não obstante apresentarem aspectos contraditórios para a construção de relações sociais justas e igualitárias em vista da democracia.

Em vista de uma análise mais detalhada, destaquemos alguns aspectos presentes nessas visões. Por exemplo, em algumas dessas postagens há o recorrente argumento de que as novas tecnologias têm propiciado a perda de algumas “características essenciais no trabalho e profissionalismo e até mesmo na educação”.



A que características se referem essas postagens? Estas são identificadas como “ninguém ver [vê] criança nenhuma tomando tabuada, por exemplo, todos usam a calculadora, nenhum aluno lê livros pra uma pesquisa, ele utiliza o famoso ‘www.google.com’, porque ele é mais fácil e rápido”. Outra crítica é a de que não há leitura, sequer interpretação e reavaliação do que se encontra na Internet, como podemos observar na postagem de número dez.

O que dizem, por exemplo, as pesquisas sobre a relação entre as novas tecnologias e a juventude? Asseverariam essas impressões? O que elas revelam?

Há de se matizar uma visão que não consegue perceber interpretação e reavaliação nas leituras virtuais diante das telas. Assim como na leitura de um livro, não virtual, a leitura na Internet também dependerá dos hábitos do leitor. Dessa forma, os leitores na Internet refletem a diversidade do próprio mundo real, não obstante alguns pesquisadores asseverarem que o leitor da Internet “folheia muito, mas lê pouco” (Silva, 2003: 40). Todavia, perguntaríamos se esse “folhear muito”, também não está presente nos hábitos de leitores de jornais impressos. Há de se problematizar melhor essa relação.

Em outra pesquisa realizada com 60 jovens universitários frequentadores de uma sala da *web* de uma universidade brasileira, suas autoras constataram que estes, quando comparados com os estudantes de ensino médio, atribuem igual importância aos livros e à Internet. Assim, os jovens com maior escolaridade ainda valorizam os livros. Já os estudantes de ensino médio tendem a preferir a Internet. Nesta investigação científica podemos encontrar interessantes elementos para a questão que ora focalizamos. Transcrevamos alguns depoimentos desses jovens: “Na Internet você pega as referências bibliográficas pra depois pegar os livros”; “Os livros são importantes. O conteúdo integral, tudo certinho. O livro é mais geral, mais amplo. Internet é específico.” (Mostafa et al., 2004: 66). Podemos identificar que a forma de lidar com as leituras na Internet possui uma intencionalidade que condiciona e orienta o tipo de leitura do jovem.

No caso das postagens apresentadas, a identificação da não leitura ou da “pouca leitura” dos jovens incorre em uma visão preconceituosa e, assim, obliteradora de outras formas e estratégias de leitura do jovem. Na mesma pesquisa as autoras mencionam que há na Internet um caráter enciclopédico que funciona, no limite, como um resumo, contudo, isso não deve ser entendido como menor qualidade da informação, pois “apenas apresenta-as de forma mais enciclopédica e menos

discursiva. Se num extremo resume, noutro abre para o paradigma das múltiplas fontes". (Mostafa, et al., 2004: 67).

Na postagem de nº 2 há elementos que também endossam essas análises, pois evidencia a não-linearidade das informações contidas na Internet e a possibilidade de se compartilhar informações, que ultrapassariam barreiras territoriais e físicas, de uma forma muito rápida e fácil, em um clique. A mesma postagem explicita as implicações dessa oportunidade, isto é, se outrora havia uma elitização do acesso, agora, com os seus senões, há uma relativa democratização nesse aspecto, pois os acervos de algumas bibliotecas, ou mesmo de livros, muitas vezes com preços proibitivos, estão disponíveis em formato eletrônico para quem quiser acessar.

Outras pesquisas nos fornecem dados sobre as ideias apresentadas no parágrafo anterior, inclusive evidenciando uma perspectiva ativa do jovem frente à Internet, bem como apontando limitações em relação ao acesso à Internet, que passa, no nosso caso, por questões também econômicas. Dados da pesquisa "A Geração Interativa na Ibero-América: Crianças e adolescentes diante das telas" (s/d), sobre o uso de diferentes tecnologias com 25.467 estudantes entre 6 e 18 anos de idade em escolas públicas e privadas da Argentina, Brasil, Chile, Colômbia, México, Peru e Venezuela, em 2007/2008, revelam, no caso brasileiro, que nossos jovens não só navegam, como também produzem conteúdos na Internet por meio de páginas da *Web* ou *Blogs*. Verifica também que, de cada dez estudantes, dois possuem *site* ou *blogs*; seis em cada dez estudantes acessam a internet em *lan houses* e 72% declaram gostar de utilizar o Messenger (Programas de Mensagens Instantâneas) porque podem conversar com seus amigos e ainda que um de cada dois adolescentes tem e conheceu pessoalmente algum de seus amigos virtuais.

Esse último dado nos remete à questão das linguagens e sociabilidades oportunizadas pelas novas tecnologias, especialmente a Internet. Contudo, antes de problematizarmos esse ponto, é oportuno apresentar mais um apanhado de trechos de postagens realizados pelos jovens universitários da nossa pesquisa. Eles ressaltam uma visão otimista, de possibilidade de personalização, ampliação dos contatos com o Outro, bem como enfatizaram a sua dimensão utilitária, prática, ágil e de acesso direto, que tende a possibilitar o exercício democrático.

Antes de concluir este item, gostaria de justificar a razão da escolha da última palavra do título desse bloco: "resignação". Por que a utilizamos? Resignação significa submissão à vontade de alguém ou ao destino. Ao observarmos a postagem



nº 4 no final de suas críticas sobre o acesso às novas tecnologias e o status advindo de seu uso, o jovem universitário resigna-se diante do fato, pois menciona que “[...] estão se auto-introduzindo em uma "tecnocracia", onde todos seremos participantes e dependentes da mesma. Bem vinda, tecnologia para nosso deleite. Alguém aí consegue passar com o celular desligado? Opa ! tenho que atualizar meus equipamentos eletrônicos!”.

Chaveiros que Conseguem Guardar Mais de Cinquenta Mil Livros

Postagem 11

A "evolução" tecnológica é subjetiva.

A cada dia, surgem inúmeras formas de tratarmos nossos problemas de maneira mais produtiva, competitiva e/ou, simplesmente, confortável. E, a cada idéia nova, surge junto a ela uma nova dependência, também tecnológica, para utilizá-la. Telefones, computadores, DVD, CD, cartões de memória, enfim, componentes eletrônicos são cada vez mais responsáveis pelo tratamento/armazenamento de informações importantes.

A cada inovação, a dependência das diversas tecnologias aumenta e chega a ser de grandeza exponencial. Mas, afinal, onde se quer chegar?

A "evolução" tecnológica é um fato social.

Bom, mas como afirmar que a "evolução" tecnológica é subjetiva se um fato social é objetivo?

É fácil entender e, para isso, pense nas perguntas abaixo:

Quem ainda não tem um e-mail e, se tem, por que o tem?

Se o indivíduo não tem, como será a vida deste frente à sociedade?

O que é preciso para se ler um e-mail?

O fato social exerce uma força sobre o indivíduo conforme a tecnologia "evolui". Mas, de fato, onde se quer chegar com toda essa "evolução" tecnológica? Ao meu ver, a partir do momento em que não temos resposta para pergunta acima, estamos involuindo!

Imagine, se hoje houvesse uma catástrofe global destruindo todos os componentes eletrônicos, como seria a vida do homem.

Uma coisa é certa. Poderíamos, numa visão mais otimista, auxiliar nossos filhos na socialização primária de nossos netos dizendo que "na nossa época, existia chaveiros que conseguiam guardar mais de cinquenta mil livros"...

Postagem 12

[...] Eu queria citar outro comentário interessante que eu vi no Discovery Chanel, fala sobre a era digital. Eles dizem que o fato das pessoas estarem conversando muito pela internet, participando de jogos virtuais talvez não acabe com o fator social deles, é o mesmo quando inventaram o telefone. Nessa época diziam que ninguém ia se encontrar mais com ninguém, as pessoas usariam somente o telefone para se comunicar.

Postagem 13

[...] As transformações que vem acontecendo em todo o mundo, seja ela familiar ou no mundo do trabalho, se dá principalmente por causa do surgimento de novas tecnologias, elas vieram para ajudar de alguma forma, mas acabam atrapalhando de outra, certo é que a tecnologia veio para ficar, isso é fato consumado, o que temos a fazer é nos adaptar a elas, não esquecendo nossos valores familiares e sociais.

Postagem 14

[...] As novas tecnologias trouxeram varias formas de se progredir intelectual e profissionalmente, hoje utilizamos cada vez mais da tecnologia para efetuarmos algum tipo de trabalho, simplificando e diminuindo o tempo a trabalhar, mas aumentando cada vez mais a produtividade, e assim engordando a lucratividade.

Postagem 15

[...] a tecnologia vem nos ajudar a interagir melhor com o processo democrático, aprendendo cada vez mais como funciona e podendo dar opiniões do que está sendo feito pelos nossos governantes, mas nem tudo que vemos é realmente verdadeiro, pode ser que informações existentes em alguns sites sejam inverdades para enganar nós eleitores, pois sabemos que só conseguimos nos expressar realmente através do voto. Hoje não sabemos se realmente o voto, utilizando de meio tecnológico é seguro, pois sabemos que



todo sistema é passível a erro.

Postagem 16

[...] Quem nunca comprou pela internet que atire a primeira pedra? É essa comodidade que a tecnologia quer que esteja em nossas vidas, não estou afirmando que comprar pela internet ou deixar de comprar seja certo ou errado. Estou afirmando que fazemos coisas automáticas o dia todo, seria até engraçada, mas as máquinas não trabalham para nós, nós trabalhamos para elas, pois passamos boa parte de nossos dias alimentando-as com informação, e estudamos por muitos anos para aprender mais sobre elas, vou ali, pois meu servidor está pedindo para olhar um processo.

Postagem 17

[...] Contemplando as armadilhas da evolução tecnológica é possível vislumbrar um futuro, não muito distante, onde nosso próprio DNA, já decifrado, será subsídio para a seleção natural, ou seja, poderemos “escolher” embriões com maiores chances de ter um QI mais elevado, excelente porte físico e ausência de doenças genéticas.

Maravilha Tecnológica!

Imaginemos que apenas um chip, esse mesmo que nosso colega Rogério cita, que será imposto pela sociedade e, quando implantado em nosso corpo, conterà informações sobre nosso DNA, CPF, senhas para transações bancárias, histórico criminal, enfim, um arquivo “PDF” que representaria nossa biografia ... Contudo, as facilidades tecnológicas seriam bastante evidentes, claro, pensemos, não teremos apenas o racismo ou a condição social, ou até mesmo o preconceito sexual, teremos mais um grau de preconceito: o gênico.

Maravilha Tecnológica!

Postagem 18

[...] É realmente algo complexo de se responder, visto que nossa sociedade, hoje, evolui de acordo com todas essas facilidades que você cita. [refere-se às facilidades geradas pelo uso das novas tecnologias].

É impossível viver sem isso? Não! Mas seria realmente necessário? Não vejo a necessidade de se voltar ao telegrama, a questão é: "Podemos

viver sem fazer dessas facilidades nossos 'deuses'? " [...] Mas dizem que a sociedade forma mais o indivíduo que o indivíduo a sociedade. Eu não concordo. A sociedade nada mais é que "indivíduos", ou seja, na essência, sem indivíduos não há sociedade, então deveria ser o contrário, o indivíduo forma a sociedade que deseja, apesar de nem sempre formar a sociedade como deseja.

Instigantes ideias são expostas ao longo dessa seleção de trechos de postagens, elas, de certo modo apresentam, em sua diversidade, leituras que os próprios jovens universitários fazem da sua relação com as novas tecnologias, especialmente com a Internet. Tal qual no bloco anterior faremos uma análise mais detalhada de alguns pontos dessas postagens em vista de uma problematização da relação entre a juventude e as novas tecnologias.

A metáfora utilizada na conclusão da postagem introdutória deste item (nº. 11) e intencionalmente escolhida como título deste bloco, isto é, “Chaveiros que conseguem guardar mais de cinquenta mil livros”, expressa bem a forma como o jovem entende e se relaciona com as novas tecnologias, que pode ser resumida nas palavras: mobilidade, praticidade, agilidade e utilidade. As novas tecnologias são cada vez mais portáteis, fornecem informações sempre mais ágeis e em maior quantidade, bem como são úteis para as demandas desses jovens.

Em que medida essas novas tecnologias afetam as relações sociais desses jovens e dos outros segmentos da sociedade? Como essas novas tecnologias são incorporadas, que tipos de laços sociais são estreitados ou desfeitos? De que modo os jovens se submetem ou reinventam o uso dessas tecnologias? Indubitavelmente essas são questões que demandam outras investigações, mas que algumas das postagens já apresentam sinalizações para futuras pesquisas.

Há em algumas dessas postagens o clássico debate da teoria social sobre a relação entre o indivíduo e a sociedade, onde se põe a questão sobre quem forma quem, ou seja, a sociedade é quem forma o indivíduo ou é este quem forma a sociedade? Para um dos clássicos e fundadores da sociologia, Durkheim (2004) as estruturas sociais funcionam de modo independente dos indivíduos, havendo assim uma primazia da sociedade sobre o indivíduo. A visibilidade da sociedade se encontra especialmente nas instituições sociais que, enquanto fato social, moldam e formatam os indivíduos.



Todavia, outro grande sociólogo apresenta uma análise distinta, neste aspecto, da visão durkheimiana. Trata-se de Simmel (2006), que compreende o social como um conjunto de relações, cuja totalidade social é relacional, assim, não concebe uma dicotomia ou separação entre indivíduo e sociedade, pois somente existe indivíduo na sociedade e sociedade no indivíduo.

Simmel ao se debruçar sobre a Modernidade e as formas de sociabilidade geradas neste período histórico, destaca que “há um estilo de vida moderno” e observa que:

“A fome, o amor, o trabalho, a religiosidade, a técnica, as funções ou os resultados da inteligência não são, em seu sentido imediato, por si sós, sociais. São fatores da sociação² apenas quando transformam a mera agregação isolada dos indivíduos em determinadas formas de estar com o outro e de ser para o outro que pertencem ao conceito geral de interação. A sociação é, portanto, a forma (que se realiza de inúmeras maneiras distintas) na qual os indivíduos, em razão de seus interesses - sensoriais, ideais, momentâneos, duradouros, conscientes, inconscientes, movidos pela causalidade ou teleologicamente determinados -, se desenvolvem conjuntamente em direção a uma unidade no seio da qual esses interesses se realizam.” (Simmel, 2006: 61- grifo nosso).

Observemos que na visão simmeliana os indivíduos se encontram em pontos de cruzamento dos círculos sociais, criando relações interdependentes. Estes pontos podem ser vistos como redes de reciprocidade. O desenvolvimento e o alastramento das novas tecnologias, especialmente a Internet, ampliam essa rede, oportunizando novas formas de sociabilidade em vista de se adequar ao “estilo de vida moderno”. Contudo, lembremos que, para Simmel, este estilo está perfilado no modo de vida metropolitano, que se caracteriza fortemente pelo individualismo. Assim embora a Internet, por exemplo, ao criar redes sociais, possa favorecer a ampliação de redes de interação, também pode, paradoxalmente, potencializar o desenvolvimento do individualismo, característica do modo de vida metropolitano.

À luz da perspectiva de Simmel, a postagem final do bloco (nº 18) tem um

² Dentro da teoria simelliana, sociação é a forma, realizada diferentemente e de diversas maneiras, pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses. Maiores detalhes ver também Simmel (1983).

sentido sociológico crítico, por não avocar uma postura de resignação frente às novas tecnologias e por assumir um papel de protagonismo, consciente das limitações, na tessitura das intencionalidades e interesses nas formas de estar com o outro e de ser para o outro.

A postagem introdutória (nº 11) também joga com as dimensões subjetiva e objetiva do uso das tecnologias, isto é, sugere que é no processo relacional da vida social que tanto pode haver a força do condicionante das formas sobre as socializações e sociabilidades, quanto os indivíduos, em uma “visão mais otimista”, podem criar *sua* forma de interação.

A postagem de nº 12 apresenta um resgate histórico sobre o medo veiculado em algumas críticas, quando da criação e uso inicial do telefone fixo, que, para esses críticos, acabaria com os encontros pessoais diretos. É interessante essa memória, pois atualmente ainda se fazem presentes elementos dessa crítica, por exemplo, no uso de Chats, Messenger e outras modalidades oportunizadas pela Internet. Além disso, há um acento em características negativas sobre o contato ou relacionamento encetado na Internet, e conseqüentemente sobre as sociabilidades virtuais, adjetivando-as de “descartáveis”, “frágeis”, “superficiais” e “pouco autênticas”. Citamos Bauman (2004) e Sennett (1999), para exemplificar dois grandes pensadores que navegam nessa perspectiva analítica.

Bauman (2004: 13) é taxativo ao afirmar que, “diferentemente dos ‘relacionamentos reais’, é fácil entrar e sair dos ‘relacionamentos virtuais’. Em comparação com a ‘coisa autêntica’, pesada, lenta e confusa, eles parecem inteligentes e limpos, fáceis de usar, compreender e manusear. [...]” e ainda que, quando não se quer mais o relacionamento, “sempre se pode apertar a tecla de deletar.” Contudo, contrariando esta visão, dados empíricos e as interpretações a partir dos mesmos, conforme algumas pesquisas em âmbito nacional e internacional, se opõem a essa visão negativa sobre as sociabilidades virtuais.

Contestando essa fragilidade das sociabilidades virtuais, há pesquisas que demonstram uma politização, atestado por maior participação cívica e engajamento em causas políticas e sociais pelos usuários de ambientes virtuais na Internet (Katz, Rice & Aspden, 2001; Abdel-Moneim, 2002 e Marques, 2006). Outras pesquisas apresentam a possibilidade de relacionamentos virtuais consistentes, solidários, intensos e profundos, bem como a formação de laços de amizade entre os membros de grupos virtuais (Nicolaci-da-Costa, 1998; Preece & Ghozati, 2001; Peris et al , 2002



e McKenna e Green, 2002). Castells (2003: 109) também defende essa perspectiva ao mencionar que “as redes on-line, quando se estabilizam em sua prática, podem formar comunidades, comunidades virtuais, diferentes das físicas, mas não necessariamente menos intensas ou eficazes na criação de laços e na mobilização”. As pesquisas têm indicado ainda que os relacionamentos virtuais não tendem a substituir os reais, mas, sim, a complementá-los.

Outro aspecto a ser problematizado, muito presente nas críticas contrárias às novas tecnologias, que está contido na postagem de nº 15 é o de que na Internet “ [...] nem tudo que vemos é realmente verdadeiro pode ser que informações existentes em alguns sites sejam inverdades para enganar[...]”. A questão a ser posta é a de qual o grau de confiabilidade das informações apresentadas na Internet? Há diferença substancial em relação às apresentadas em outras mídias?

Pierre Lévy (1998) nos subsidia com propriedade sobre essa questão, quando esclarece que nesse debate se implicam aspectos epistemológicos, quais sejam, o problema da verdade, a pertinência e a garantia de autenticidade das informações, logo, ao nosso modo de ver, constitui-se também uma questão política. Para construir sua argumentação ele inicia apresentando a reclamação, também presente na postagem em análise, de que se qualquer um pode publicar o que bem entender no ciberespaço, não há mais garantia quanto à qualidade da informação. Contudo, em vista de buscar a consistência ou não da crítica, chama a atenção para o fato de que, em geral, os documentos da Internet são assinados ou, na maior parte, não é difícil identificar sua autoria. Lembra ainda que o pluralismo não é um fator de agravamento dos riscos de manipulação, desinformação ou de mentira, “mas, ao contrário, uma condição para que vozes minoritárias, opositoras ou divergentes possam ser escutadas”, pois em uma boa lógica da comunicação, “quanto mais há concentração ou monopólio dos meios de informação, mais há risco que se estabeleça uma verdade oficial “às ordens”. (Lévy, 1998: 45).

No campo filosófico, salvo a aceitação do argumento de autoridade, a veracidade de uma notícia não se dá apenas por ter sido anunciada por uma televisão ou por uma universidade, por exemplo. Causticamente Lévy (1998: 45) argumenta que ainda que isso desagrade os crédulos e os preguiçosos, a verdade não é dada, pronta (por quem?), mas está constantemente em jogo em processos abertos e coletivos de pesquisa, de construção e de crítica” e arremata mencionando que “o pluralismo intrínseco e a interconexão do ciberespaço [...] favorecem justamente tais processos”.

Nesse sentido e sob esse aspecto, recuperando a questão da relação entre as novas tecnologias e o desenvolvimento da democracia, com a Internet, podemos asseverar que há um potencial aberto e já utilizado para o fortalecimento da democracia, enquanto espaço, em tese, livre para todos, sem as barreiras e censuras governamentais e das grandes corporações econômicas e de comunicação. Na expressão de Marques (2006) é um espaço de “conversação civil” ilimitada.

Considerações Finais

Diante da tarefa de apresentar as visões de jovens universitários sobre as novas tecnologias, especialmente a Internet, e sua relação com o desenvolvimento de uma sociedade democrática, percorremos além de suas visões, o que dizem algumas pesquisas sobre a relação entre a juventude e as novas tecnologias. A leitura das postagens nos permitiu constatar que para estes jovens, as novas tecnologias são uma realidade irretornável na vida contemporânea, não obstante apresentarem aspectos contraditórios para a construção de relações sociais justas e igualitárias em vista da democracia.

Os dados mostram um posicionamento que vê na sociabilidade virtual e suas linguagens formas de interação passageiras, frágeis e descartáveis e novas formas de exclusão e preconceitos, em suma, geralmente negativas; por outro lado, os dados patenteiam uma visão otimista, de possibilidade de personalização, ampliação dos contatos com o Outro, bem como a sua dimensão utilitária, prática, ágil e de acesso direto. Nesta última visão, as identidades, linguagens e sociabilidades juvenis em relação às novas tecnologias: são marcadas pela invenção, “elas têm a ver [...] com a questão da utilização dos recursos da história [de cada um], da linguagem e da cultura para a produção não daquilo que somos nós, mas daquilo no qual nos tornamos.” (Hall, 2000: 109).

Tais visões têm notórias implicações na vida social juvenil contemporânea. com a criação de novas linguagens, sociabilidades e interesses, explicitando o fato de que, historicamente, o conhecimento e a tecnologia têm sido um trampolim para o acesso ao poder e ao seu exercício, democrático ou não.

Por fim vale lembrar que entender o significado da técnica é uma tarefa essencialmente política. A partir desse entendimento são tomadas as decisões e se desenvolve um planejamento em vista de sua adoção e uso (ou não!), tanto em termos macro-sociais, quanto micro-sociais, seja por indivíduos, comunidades, famílias ou



organizações. Desse modo, responsabilizar as novas tecnologias pelos seus impactos sociais e educacionais negativos ou positivos é esquecer que, desde sua gênese, objetiva e subjetivamente, elas são frutos de nossas intencionalidades, no contexto da própria construção do real.

Referências Bibliográficas

- Abdel-Moneim, S. G. (2002). O Ciborgue Zapatista: tecendo a poética virtual de resistência no Chiapas cibernético. *Revista de Estudos Feministas*, Florianópolis, 10(1), Jan., 39-64.
- A GERAÇÃO INTERATIVA NA IBERO-AMÉRICA: Crianças e adolescentes diante das telas, (s/d). Coleção Fundação Telefônica. Disponível em: <<http://www.educarede.org.br/educa/arquivos/web/biblioteca/LivroGGIIPort.pdf>>. Acesso em: 13 Nov. 2010.
- Bauman, Z. (2004). *Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Castells, M. (2003). *A galáxia da Internet*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Durkheim, É. (2004). *As regras do método sociológico*. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Hall, S. (2000). Quem precisa de identidade? In T. T. Silva (org.), *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais* (pp.103-133). Petrópolis: Vozes.
- Katz, J. E., Rice, R. E. & Aspden, P. (2001). The Internet, 1995-2000: Access, civic involvement, and social interaction. *American Behavioral Scientist*, 45(3), 405-419.
- Lévy, P. (1998). A revolução contemporânea em matéria de comunicação. *Revista FAMECOS*. Porto Alegre, n. 9, Dez., 37-49.
- Marques, F. P. J. A. (2006). Debates políticos na Internet: a perspectiva da conversação civil. *Opinião Pública*, 12(1), Maio.
- McKenna, K. Y. A. & Green, A. S. (2002). Virtual group dynamics. *Group Dynamics: Theory, Research and Practice*, 6 (1), 116-127.
- Mostafa, S. P. et. al. (2004). Leituras nas telas: os jovens na Internet. *Revista Educação Temática Digital*. Campinas, 5 (2), 58-73. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/revista/index.php/etd/article/viewArticle/1616>>. Acesso em: 20.Nov.2010.
- Nicolaci-da-Costa, A. M. (1998). *Na malha da Rede: Os impactos íntimos da Internet*. Rio de Janeiro: Campus.



- Peris, R. & Gimeno, M. A., Pinazo, D., Ortet, G., Carrero, V., Sanchiz, M. & Ibanez, I. (2002). Online chat rooms: Virtual spaces of interaction for socially oriented people. *Cyberpsychology & Behavior*, 5 (1), 43-51.
- Preece, J. & Ghazati, K. (2001). Experiencing empathy online. In: Rice, Ronald, E.; Katz, James E. (Orgs.). *The Internet and health communication*. Thousand Oaks, Califórnia: Sage.
- Sennett, R. (1999). *A corrosão do caráter: Conseqüências pessoais do trabalho no novo capitalismo*. Rio de Janeiro: Record.
- Silva, E. T. (org.). (2003). *A leitura nos oceanos da Internet*. São Paulo: Cortez.
- Simmel, G. (2006). *Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Simmel, G. (1983). *Georg Simmel: sociologia*. Organizador [da coletânea] Evaristo Morais Filho. São Paulo, Ática.